

## O CONTESTADO VIVE!: ENTRE O ESPAÇO SAGRADO DE JOÃO MARIA E O ASSENTAMENTO CONTESTADO, RESISTÊNCIAS SOBRE A INVISIBILIDADE SECULAR NA LAPA-PR

*The Contestado lives!: between the sacred space of João Maria and the disputed settlement, resisters on the secular in Lapa invisibility-PR*

Tania Mara Muller Teider<sup>i</sup>  
Nilson Cesar Fraga<sup>ii</sup>

Recebido em: outubro de 2017.

Aceito e Publicado em: dezembro de 2017

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo desenvolver uma análise sobre a invisibilidade das questões relacionadas à Guerra do Contestado no município da Lapa, estado do Paraná, uma vez que o território municipal possui dois marcos relacionados ao episódio: o Parque Estadual do Monge, figura relacionada ao povo caboclo do Contestado e o Assentamento Contestado. Para tanto, foram realizados trabalhos com estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental II da cidade, cuja temática abordada versava sobre a Guerra do Contestado, com ênfase no município, a fim de se verificar o nível de conhecimento desses alunos sobre esse acontecimento histórico e a existência de referenciais atinentes a essa questão por parte deles.

**Palavras chave:** Guerra do Contestado, Invisibilidade, Parque Estadual do Monge, Assentamento do Contestado, Lapa/PR.

### Abstract

*This article aims to analyze the issue that involves the invisibility related to the Contestado War in the city of Lapa, Paraná, since the municipal territory has two landmarks related to the episodes - Monge State Park, related figure to the Caboclo people of the Contestado and the Settlement Contestado. For that, this essay was done with students of the 9th grade of Elementary School II, in the city of Lapa, whose theme is about the War of the Contestado with emphasis on the municipality to verify the level of knowledge of these students have about the Contestado War and the existence of reference to this issue on their part.*

**Keywords:** Contestant War. Invisibility. Monge State Park. Contestado Settlement. Lapa / PR.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de aulas sobre a Guerra do Contestado, assim como de um trabalho de campo realizado na região do Contestado, durante o curso de pós-graduação em

O contestado vive!: entre o espaço sagrado de João Maria e o assentamento contestado, resistências sobre..

História e Geografia do Paraná ofertado pelas Faculdades Itecne. A questão do Contestado desperta curiosidade e também perplexidade, uma vez que o Contestado ainda vive, a guerra ainda está presente na luta pela terra, na luta dos menos favorecidos, na crença do povo e nos espaços sagrados da fé cabocla, espalhados pelo Paraná, Santa Catarina e outros estados brasileiros, bem como por outros países.

A finalidade deste artigo é demonstrar que a cidade da Lapa, no estado do Paraná, faz parte da Guerra do Contestado, uma vez que abriga em seu vasto território um espaço sagrado do primeiro Monge, João Maria d' Agustín. Além disso, o município tem seu território político-jurídico estendido até a divisa com Santa Catarina e possui um assentamento da reforma agrária - o Assentamento Contestado.

Como pesquisa de campo, visitou-se o Assentamento Contestado e a Gruta do Monge, também foram realizadas entrevistas com os alunos do 9º ano Ensino Fundamental II do Colégio Estadual do Campo Contestado, da rede estadual de ensino, localizado na comunidade Assentamento Contestado, a qual é ligada ao MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra -, e outra pesquisa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual General Carneiro, também da rede de ensino estadual, localizado no centro da cidade da Lapa, a fim de se identificar se alunos e alunas possuem conhecimentos sobre a Guerra do Contestado, a Gruta do Monge e a inter-relação dessas temáticas com o território lapiano.

Este trabalho aborda questões históricas pertinentes à Guerra do Contestado, os motivos que levaram ao levante popular dos caboclos, bem como suas crenças no sagrado e a fé que tinham no Monge, o qual convivia com eles, levando cura e esperança. Outras questões abordadas versam acerca da Gruta do Monge, na Lapa, e a formação da comunidade Assentamento Contestado, fruto da histórica luta regional e nacional pela terra.

A Lapa faz parte do Contestado, porém o assunto acabou tornando-se invisível aos olhos dos lapianos, porque a cidade não vivenciou o conflito e não abrigou nenhum combate em seu território, o monge que escolheu a muralha de pedras para sua morada passou por ela antes da Guerra. O monge foi embora, de forma tão misteriosa como a que o trouxe até a Lapa, mas deixou suas marcas de fé entre a população, seguiu sua viagem e andou entre os caboclos, levando a fé para eles, assim como a esperança na vida dos sertanejos.

Outro fator que torna o Contestado invisível ao lapianos é o Cerco da Lapa, fruto da Revolução Federalista, o qual, por sua vez, tem uma maior visibilidade porque a população o vivenciou, viu o sangue inocente ser derramado e essas marcas ainda são lembradas e, até mesmo, cultuadas na cidade, seja nos museus ou nas ruas, que recebem os nomes dos generais que lutaram no final do século XIX, em defesa da cidade contra as tropas federalistas. Mesmo na

Revolução Federalista há de se falar sobre as questões que envolvem a terra, pois os grandes latifundiários, detentores da riqueza do município, alistaram os jovens para que estes lhes defendessem do cerco. Dessa forma, percebe-se que, nas entrelinhas da história regional, a luta pelo direito a um pedaço de terra está amalgamado na formação socioespacial regional, desde o surgimento dos latifúndios, passando pela Guerra do Contestado, chegando até o Assentamento Contestado, no século XX.

Tratar do Contestado e dos espaços sagrados dos monges/profetos permite uma gama enorme de possibilidades analíticas e conceituais. Contudo, para o desenvolvimento deste trabalho optou-se por alguns autores que se fazem fundamentais, pois imbricam as relações terra, território, poder e espaço sagrado. Ademais, esta pesquisa volta-se para o olhar dos que habitam esse mundo marcado por muitas histórias de luta, morte e dor, além, é claro, dos esquecimentos impostos pelo Estado, assim como a inviabilidade dos povos que, no passado, lutaram pelo direito à vida nas suas terras ancestrais. Atualmente, quase tudo isso parece ter se perdido com o tempo, pois a atual geração não consegue fazer as ligações históricas de continuidade da luta dos povos pela sobrevivência e pela dignidade mínima de vida deles que nos cercam hoje – daí a importância de voltar-se às discussões sobre essas questões.

Para tanto, buscou-se subsídio em alguns autores que se mostraram pertinentes, tais como Lobato Corrêa (1989)<sup>iii</sup>, pelos seus estudos que remetem a uma discussão da expressão organização espacial<sup>iv</sup>, para que se possa entender a organização da vida sobre o território hoje. Enquanto que para Foucault (1987) a organização do espaço constitui-se exercício do poder<sup>v</sup>, como o evidenciado entre os poderes legais estabelecidos nos centros de determinação da ordem e da lei no período da Guerra do Contestado, sejam eles em Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro, Lages, Porto União da Vitória ou mesmo na Lapa, e os ditos ilegais, estes estabelecidos e espacializados na zona conflagrada – a última tida como uma terra sem lei, a terra habitada pelos caboclos e caboclas do Contestado – ambas com suas estratégias, as capitalistas, num primeiro momento ARAÚJO (1994).

A ocupação e a utilização do espaço geográfico constituem-se como uma importante discussão possibilitada por este trabalho, sobretudo pelo fato deste tratar de uma região estatalmente delimitada e subdividida em áreas econômicas, áreas de bacias e sub-bacias, perímetros urbano e rural, dentre outros que ajudam a entender a dinâmica do espaço, político ou não.

Essas linhas de abordagem podem ser elucidadas por Milton Santos (1994)<sup>vi</sup>, quando destaca o espaço, sua ocupação e as interações provenientes do trabalho acumulado e da infraestrutura da organização espacial sobre a natureza<sup>vii</sup>, ao passo que Guattari (1986)<sup>viii</sup> discute a

O contestado vive!: entre o espaço sagrado de João Maria e o assentamento contestado, resistências sobre..

questão espacial e territorial frente às políticas econômicas impostas pelo capitalismo internacional<sup>ix</sup>, lembrando que a Guerra do Contestado teve fortes marcas de luta contra o capitalismo avançado sobre uma área que estava, até então, à margem do sistema.<sup>x</sup>

### **A Guerra do Contestado e a Luta pela Terra**

A formação do espaço territorial do interior do Paraná e Santa Catarina foi marcada por numerosos conflitos, que ficaram conhecidos como Guerra do Contestado, e tinham como objetivo a luta pela terra, pelo bem-estar, pela dignidade humana e pelo território. Esses combates foram marcados pela violência, levando a óbito cerca de 20.000 caboclos e caboclas, numa guerra de extermínio, mas que teve sua resistência marcada pela fé de milhares de homens e mulheres, que acreditavam e seguiam as profecias do seu guia espiritual no caso, o monge São João Maria.

De acordo com Filippim, Hoffmann e Feger (2006), os estados do Paraná e Santa Catarina disputaram uma área de aproximadamente 48.000 km<sup>2</sup>, a qual é situada à margem direita do rio do Peixe e tem os rios Iguaçu e Uruguai, como limite norte e sul sendo esse um dos fatores que marcaram a Guerra do Contestado, pois as questões de limites entre os estados foram resolvidas antes do fim da guerra contra o povo caboclo.

Viviam na região os coronéis do Contestado, donos de grandes cultivos de erva-mate, e de criações de gado e porcos, o que ampliava a riqueza deles sobre essas terras. Essas figuras tinham forte força política nos estados em questão, sendo que sua influência política ultrapassava os gabinetes e palácios de Florianópolis e/ou Curitiba, chegando até aos salões do poder, na capital republicana. Além desses coronéis, as terras do Contestado eram ocupadas por sertanejos e posseiros, trabalhadores de várias etnias que buscavam tirar da terra o seu sustento, muitas vezes, trabalhando no fundo das fazendas dos coronéis, servindo a eles quando estes chamavam, numa forte relação de compadrio. Segundo Santos (2004), a região, em momentos históricos, anteriores, foi sendo ocupada por caboclos que se embrenhavam no sertão e ali se estabeleciam de maneira informal, sem legalizar a propriedade dos imóveis.

Vários eram os tipos humanos da região do Contestado, desde o branco, o índio, o negro, o mameluco, o cafuzo, o mulato, praticamente todas as etnias tratadas pela antropologia brasileira do início do século XX e como resultado dessa intensa miscigenação entre os povos, o caboclo tornava-se único, sempre reconhecido como tal onde fosse apresentado.

Para Thomé (1992, p. 19), “o Homem do Contestado caracterizava-se mais pelo padrão cultural do que pela composição racial. O sertão uniu brancos, negros, Índios, os puros e os mestiços, em torno de causas comuns: liberdade e justiça social”.

A Guerra do Contestado aconteceu entre os anos de 1912 a 1916, na região do Planalto Norte Catarinense e Sul/Sudeste do Paraná. Teve como motivos os limites dos dois estados, que ainda não estavam traçados no momento em que o Paraná se tornou província, herdando de São Paulo a questão de limites, as más condições de vida dos caboclos do Contestado, que vieram a piorar com a instalação das madeireiras *Southern Brazil Lumber*, que tinham como objetivo explorar as riquezas da região e recolonizá-la na sequência. Para Fraga (2005, p. 228), “a Guerra do Contestado é um episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam, sejam de ordem social, política, econômica, cultural ou religiosa”. Conforme Ferreira dos Santos (2010, p. 1), o Contestado foi “uma das maiores e mais sangrentas revoltas camponesas da história da humanidade”.

Durante todo o ano de 1915 e 1916 os caboclos foram terrivelmente atacados e praticamente dizimados pelo Exército brasileiro e por grupos de vaqueanos contratados pelos coronéis da região para limparem a terra, ou seja, eliminar todo o povo caboclo da região. Nessa fase da guerra, foi registrada a parte mais triste e mais sangrenta da epopeia cabocla sobre o sertão, uma vez que, segundo Thomé (1992, p. 100), “no acampamento das Perdizinhas, os detidos eram fuzilados, em grupo, de costas, e seus cadáveres eram queimados em grandes fogueiras de grimpas”, só para se ter uma ideia do desenrolar da Guerra do Contestado.

É possível dizer que a gênese dos problemas no Contestado se iniciou quando a República do Brasil, sob o governo do então presidente Afonso Pena (1906-1910), contratou a *Brazil Railway Company*, que se tornaria uma grande empresa ferroviária brasileira, para construir a estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul, a qual também passaria pela região do Contestado; como pagamento, concedeu à empresa a concessão de 15 km<sup>2</sup> de cada lado da estrada de ferro para exploração da madeira, porém essa terra estava ocupada pelos caboclos, os quais foram expulsos pela companhia, ficando sem terra, sem teto, sem alimentos e abandonados pelo Estado, gerando a guerra de resistência cabocla, sobretudo, entre os anos de 1913 e 1917. “A questão de limites do Contestado não interessava aos moradores da região. Seus problemas eram os de sobrevivência numa região pobre e abandonada. O sertanejo sobrevivia” (NAROZNIAK, 2010, p. 159) como podia, mas sempre ligado à terra, à floresta e a pequenas criações.

A *Brazil Railway Company* contratou funcionários de fora para trabalhar na construção da estrada de ferro, pois não estava interessada na mão de obra cabocla e, para desalojar estes últimos de suas terras, formou uma milícia que usava de violência física e psicológica, afinal, os caboclos não tinham a propriedade legal do território – tais fatores, culminaram na revolta popular de luta pela terra e pela dignidade da vida dos caboclos e caboclas do Contestado

O contestado vive!: entre o espaço sagrado de João Maria e o assentamento contestado, resistências sobre..

Quando finalizadas as obras da estrada de ferro os trabalhadores contratados, foram abandonados a própria sorte e alguns estudiosos mencionam que eles haviam se misturaram aos caboclos que viviam na região, O caboclo era um povo sofrido, fragilizado e abandonado pelo Estado, mas também era muito religioso. Nesse contexto de total abandono, tanto pelo Estado quanto pela Igreja, o sertanejo vê nos monges, que passam de tempos em tempos pelo sertão, a esperança de uma vida melhor, pois eles eram figuras simples, sem apego material, andarilhos que circulavam entre as terras caboclas e pregavam sua fé, sua esperança e trazendo a cura para suas doenças. Com isso, os monges chegavam mais rapidamente ao coração desse povo, moldando, inclusive, seu caráter, costumes, crenças e código ético. No Contestado, os monges, na hierarquia dos curandeiros, tinham a vantagem do poder místico que transmitiam. Eram comuns na região, tanto é que três deles se tornaram famosos (NAROZNIAK, 2010, ).

### **Monges: os que levam esperança ao sertão do Contestado**

O papel dos monges peregrinos, ou profetas, é fundamental para o entendimento do mundo cultural caboclo, ou mesmo da resistência cabocla, isso antes, durante e depois da Guerra do Contestado. O povo sertanejo sempre teve fé, mesmo que esta estivesse envolta pelo seu catolicismo rústico pois :

religião é a crença humana na existência de uma força ou forças sobrenaturais consideradas criadoras do universo. Essa crença maior manifesta-se na humanidade desde os primórdios, por várias doutrinas, por rituais próprios que buscam reestabelecer a ligação do homem com o criador. (THOMÉ, 2011, p. 263).

A igreja católica era majoritária no Contestado no final do século XIX, porém mantida as paróquias no conforto das cidades, os padres não atendiam os sertões e as sedes das fazendas, por estas serem de difícil acesso e viagem longa. Desta maneira, abandonaram os caboclos a própria sorte, e estes, sem apoio do Estado e da Igreja, encontraram esperança e alívio em figuras peregrinas e eremitas que passavam pela região: os monges.

Para Thomé (2011, p. 267), “não foram poucas as manifestações dos representantes da Igreja católica no sul do Brasil, contra alguns costumes e tradições das pessoas mais simples consideradas profanos para a sagrada religião”. Ainda segundo Thomé (2011, p. 268), “para o povo simples, sertanejo, Heresia seria chamar de profanos os seus monges, evangelizadores e profetas”, nessa linha, Fraga (2012, p. 47) menciona que “para que um movimento se caracterize como messiânico, deve contar as propostas básicas da crença popular da volta do Messias”. O messianismo é a crença religiosa em um redentor, que trará mais justiça para os homens, portanto, o Contestado foi um movimento messiânico, que contou com pessoas religiosas que

tinham como intuito libertar o povo caboclo. Para Thomé (1992, p. 69), “o Contestado pois foi, também, um movimento messiânico, ao contar com pessoas religiosas que se apresentaram como profetas, investidas de poder místico pelos próprios caboclos que nelas acreditavam e lhe foram fiéis”.

Nesse sentido, o monge de maior importância, sem dúvidas, foi João Maria D’ Agostini, que, segundo Cabral (1979, p. 107), “houve um Anacoreta de cabelos longos e grisalhos, a barba longa e o olhar manso, que desejava a solidão e o isolamento. Foi bom, foi justo. Mais severo consigo mesmo do que para com o próximo. E sendo indigente repartiu o único bem que possuía, a sua fé”.

João Maria d’ Agostini chegou a Sorocaba em 1844. Italiano, solteiro, e peregrino, vestia hábito franciscano, professava fé e habitou uma gruta na cidade, no morro de Ipanema. Em 1847, esse monge de cabelos brancos e barba longa, com olhar bondoso e desprovido de apego material, passou a viver em outra gruta, na cidade da Lapa, no Paraná, na época chamada de Vila do Príncipe. Ali, João Maria d’ Agostini dedicou seu tempo ao estudo das plantas, receitava e ensinava o uso de remédios caseiros e também fazia orações públicas. Quando peregrinava, plantava no chão cruzeiros, bebia água da fonte da gruta, e dormia em tábuas no local que hoje é chamado de pedra partida, localizado no Parque Estadual do Monge, na Lapa.

Segundo Thomé (1992, p. 72), o monge não estimulava atos que conduzissem à heresia, nem era revolucionário, mas dedicado à oração, à caridade e à penitência, sendo venerado pela população. O poema que segue mostra um pouco da devoção na figura do monge da Lapa, como é, também, popularmente conhecido:

### **O Monge Na lapa**

No Ano de 1847, na fazenda São Bento  
Situada entre os campos verdejantes,  
Uma tarde lá chegou um forasteiro,  
Cansado, vindo de plagas bem distantes  
Ficou uns dias na casa hospitaleira,  
Para, de longa caminhada, descansar.  
Tomando alento, seguiu para a cidade,  
E lá escolheu uma gruta para morar.

(Poema: O Monge, Dona Izaura, *In memoriam*. Livro - o Monge- Vida, Milagres, Histórias, Lendas e Orações. p. 19)

O trecho do poema “O Monge”, escrito por Dona Izaura, filha de João Bernardo da Silveira, que no ano de 1847 hospedou o Monge pela primeira vez na sua propriedade, conta um pouco da trajetória do religioso, afinal, como referências das passagens dos monges pelos sertões

O contestado vive!: entre o espaço sagrado de João Maria e o assentamento contestado, resistências sobre..

do Paraná e Santa Catarina, tem-se os espaços sagrados, os cruzeiros, os pousos, a história oral, as lendas e, claro, os poemas, décimas e outras formas de representação. Na memória dessa família que o recebeu na Lapa pela primeira vez, permanece a imagem de um homem simples, de cabelos brancos e barba longa, com olhar cansado da longa viagem, e que, devido à sua peregrinação, ficou hospedado apenas uma noite, tempo necessário para recuperar suas forças, logo em seguida, avistou o alto da cidade, local conhecido como o Monge e lá fez sua morada temporária, escolhendo o centro da pedra, local chamado de pedra partida e abençoou a água, tornando o local um espaço sagrado secular.

Segundo Gornisnki (2005, p. 15), “a serra do monge tem formação arenítica com altitude de 1.015 metros é o acidente geográfico de maior destaque do município da Lapa”. Em pouco tempo de estadia na cidade, o monge fez sua fama de milagreiro crescer, tanto que, há mais de 170 anos, aquele é um espaço de devoção para pessoas vindas de todos os lugares do Brasil.

De acordo com Burda e Monastirsky (2011), “a cidade da Lapa surgiu em função do Tropeirismo, atividade econômica que contribuiu para o desenvolvimento nacional e para a ocupação do interior dos Estados do Sul do Brasil”. O comércio de gado que acontecia entre o Sul, São Paulo e Minas Gerais influenciou as organizações sociais e espaciais das cidades que ficavam no caminho das tropas.

Para Burda e Monastirsky (2011, *apud* FERREIRA, 1996, p.116:

foi através dos caminhos que transpunham os campos do sul do Paraná que, a partir do século XVIII, a Coroa Portuguesa concedeu terras – Sesmarias – que incentivaram a atividade pastoril e o desenvolvimento de alguns locais. Essas sesmarias foram decisivas para a constituição da estrutura social agrária da região, compostas por fazendeiros, tropeiros, capatazes, peões e negros escravos. Desta forma, com a necessidade de abastecer os tropeiros e de fornecer serviços relativos aos cuidados com as tropas, em 1731 surgiu o povoado de Capão Alto, evoluindo posteriormente para freguesia de Santo Antonio em 1797, Vila Nova do Príncipe em 1806, e em 1872, município e cidade da Lapa.

A cidade da Lapa era o pouso perfeito para os tropeiros, uma vez que estava entre o meio do início e término do caminho, tornando-se, com o tempo, parada obrigatória dos tropeiros que vinham pelo caminho de Viamão. Esse fato motivou a fixação de alguns moradores, que, dentro das possibilidades, atendiam as necessidades desses tropeiros. Conforme Burda e Monastirsky (2011, p. 116) “o certo é que não demorou muito tempo para que vários tropeiros e arribados ao local resolvessem estabelecer-se na área, iniciando pequena póvoa”, a qual, com o passar do tempo, foi crescendo em adensamento populacional e urbano, além da fixação de numerosas fazendas de criação de gado e produtoras de alimentos.



### **Assentamento Contestado: resistências lapianas**

A comunidade que leva o nome da região e da Guerra do Contestado é fruto de imensas lutas camponesas pela terra, estando vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, e, também, tem enraizados em sua história os resquícios das sesmarias do passado colonial brasileiro, pois essas terras, antes de se tornarem o assentamento, foram uma grande fazenda chamada de Fazenda Santa Amélia, que pertenceu ao Barão dos Campos Gerais, o qual conseguiu o título pela lei das sesmarias concedida por Dom Pedro II. Segundo relatos históricos, o próprio Imperador chegou a pernoitar na sede da fazenda. Nas palavras de Orzekovski (2014,p. 28):

o Assentamento Contestado é hoje um exemplo, entre tantos no Brasil, da organização coletiva e comunitária da vida no campo, sem contar que é uma área remanescente do regime de sesmarias do Brasil Colonial e Imperial. Está localizado no município da Lapa, distante 20 km da sede municipal e 70 km de Curitiba, capital do Estado. Antes da implantação do assentamento, foi considerada a fonte do poder patrimonialista regional, sendo até aquele momento denominado Fazenda Santa Amélia. Seu antigo proprietário chegou a receber o título de Barão dos Campos Gerais durante a visita que o Imperador Dom Pedro II realizou à Província do Paraná em 1880, chegando a pernoitar na sua sede.

No ano de 1985, a fazenda foi adquirida por uma empresa de cerâmicas localizada em Campo Largo, a qual utilizava o local para plantar pinus e dele fazer o carvão que alimentava as fornalhas na produção das cerâmicas, porém a empresa adquiriu grande débito junto ao governo, quando deixou de recolher impostos do Instituto Nacional de Seguridade Social - INSS. Em 1995, foi acordado entre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Governo Federal e o governo do Paraná, que as terras de devedores de impostos seriam repassadas para a Reforma Agrária. Dessa forma, as terras da Fazenda Santa Amélia entraram nesse acordo.

Segundo Orzekovski (2014, p. 28):

o MST descobriu que a empresa possuía uma grande dívida com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e sabendo da existência da área, realizou uma denúncia ao INCRA, solicitando sua destinação para reforma agrária. Foi instaurado um processo de desapropriação, que foi extremamente moroso. Somente no ano de 1999, com a ocupação da área, o processo seguiu seu trâmite de forma mais rápida. A ocupação foi realizada no dia 07 de fevereiro de 1999.

A área possui 3.228 hectares, nos quais foram assentadas 108 famílias (Fig. 1), cada qual com o seu lote de terra que mede entre 9 a 16 hectares, já a área que não está ocupada pelos assentados, cerca de 1.240 hectares, se tornou a reserva ambiental do assentamento.

Figura 1: Placa de Acesso ao Assentamento Contestado.



Fonte: EXPOSIÇÃO – Dafne Spolti, estudante de Comunicação Social na UFMT – Fotos retratam assentamento do MST no Paraná, na comunidade rural de Contestado, 2008.

Ainda segundo Orzekovski (2014, p. 28),

a área foi dividida em 108 lotes, com tamanho entre 09 a 16 hectares para cada família, variando conforme as condições naturais do terreno e distância da estrada principal. O assentamento foi organizado em 10 núcleos de base. Em cada núcleo participam entre 10 a 15 famílias agrupadas por proximidade. Algumas famílias praticam outros arranjos organizativos e cooperam entre si.

Michele Torinelli (2017), no sítio do MST, produz um importante artigo sobre o desenvolvimento do Assentamento Contestado, mostrando que a proposta, desde o início, “era promover um assentamento voltado para a produção orgânica – na época, nem se utilizava o termo ‘agroecologia’, como revelou Antônio Capitani ao jornal Brasil de Fato”, citado pela autora. Com o passar do tempo, e percebendo o crescimento e o envolvimento de alguns colegas assentados, outras famílias foram chegando e conhecendo o projeto, sendo que, em 2017, mais de 80 grupos familiares possuíam hortas orgânicas certificadas, formando, então, a Cooperativa Terra Livre, que, conjuntamente aos agricultores lapianos, somam mais de 250 associados.

Além da cooperativa mencionada, o Assentamento acolhe a Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), uma iniciativa do MST junto à Via Campesina, que há uma década recebe militantes de toda a América do Sul, para que possam estudar e difundir a agroecologia (Fig. 2). No que concerne à educação formal das crianças e dos jovens do Assentamento Contestado, há na região uma escola estadual, uma municipal e uma ciranda para os mais novos (TORINELLI, 2017).

Figura 2: Placa de Acesso ao Assentamento Contestado.



Fonte: Midia Sem Terra, 2017

Fatores como os mencionados brevemente nesse trabalho demonstram a importância e a referência desse Assentamento da Reforma Agrária, procurado e visitado por centenas de pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo. Contudo, o trabalho em si busca, ainda, verificar o (re)conhecimento das crianças lapianas, assentadas e/ou moradoras da cidade, sobre as ligações entre o Contestado, a Guerra e a região, bem como de seu imbricamento com a figura histórico-cultural do monge/profeta João Maria.

### **O Olhar das Crianças sobre o Monge e o Contestado**

O Objetivo deste trabalho foi estudar a invisibilidade relacionada à Guerra do Contestado na Lapa, pois o município é “dono” de um dos principais espaços sagrados ligados ao monge/profeta São João Maria, figura emblemática em toda a região do Contestado e, mais ainda, nos estados sulistas, sem mencionar outras regiões e países que possuem tais espaços ligados à passagem e ao pouso de São João Maria. Para verificar o nível de (re)conhecimento sobre essas temáticas, fez-se uma pesquisa com os alunos e alunas da rede estadual de ensino da cidade e do assentamento.

Foram entrevistados alunos e alunas do Colégio Estadual do Campo Contestado, localizado no Assentamento Contestado, comunidade dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e também estudantes do Colégio Estadual General Carneiro, este localizado no centro da cidade da Lapa.

A pesquisa abordava questões sobre a Guerra do Contestado, sobre os monges e sobre as ligações deles durante a Guerra, sobre se a Lapa, de alguma forma, fazia parte desse contexto

O contestado vive!: entre o espaço sagrado de João Maria e o assentamento contestado, resistências sobre..

histórico-geográfico, ou seja, se nela havia alguma comunidade formada pela luta camponesa e se o Monge João Maria D' Agostinis, da Lapa, seria o mesmo monge que andou pelos territórios dominados pelos caboclos e caboclas do Contestado, antes, durante e depois da Guerra. As entrevistas foram aplicadas, inicialmente, aos alunos e alunas do 9º ano do Ensino fundamental II no Colégio Estadual do Campo Contestado. O resultado da pesquisa foi o esperado: os alunos conheciam muito bem a Guerra do Contestado e sabiam da ligação do Monge da Lapa com ela, bem como a ligação desta guerra com a luta camponesa. Isso se deve ao fato de estarem inseridos em uma comunidade de luta pela Reforma Agrária e serem filhos de assentados e assentadas. Mas vai além disso, pois está aliado ao fato de a escola ter trabalhado os temas contidos nos questionários, em um projeto socioeducacional e interdisciplinar, no ano de 2016. Naquela época, os estudantes apresentaram um túnel do tempo com o tema “Guerra do Contestado” na Jornada da Agroecologia, que aconteceu em julho de 2016, no Parque de Exposição da Lapa.

Já a pesquisa realizada com os alunos e alunas do 9º ano Ensino Fundamental II do Colégio Estadual General Carneiro demonstrou que estes estudaram os levantes populares, dentre eles, a Guerra do Contestado, porém não souberam traçar a ligação entre o Monge da Lapa e a Guerra do Contestado, passando a impressão de que eram dois fatos distintos da história regional, sem qualquer ligação entre eles. Contudo, o mais grave é que esses alunos e alunas não têm conhecimento sobre o fato de o município da Lapa abrigar o Assentamento Contestado. Mesmo tendo estudado as lutas e os levantes populares brasileiros, não sabiam da existência do Assentamento no território municipal, distante apenas 20 quilômetros da sede municipal.

## **CONCLUSÕES**

O Contestado vive, mesmo passados pouco mais de cem anos do início e do final dessa guerra marcada pelo direito à terra e à vida, o Contestado vive, embora ainda marcado pela invisibilidade entre cidadãos que vivem tão próximos desses acontecimentos e cercados por fortes marcos territoriais de sua ocorrência. As crianças do Assentamento Contestado, por meio das atividades escolares, tiveram rompidos os silêncios e invisibilidades impostos pela República Legalista, ao passo que as crianças da cidade, mesmo tendo tido contato com os temas relacionados aos levantes populares brasileiros, dentre eles o Contestado, não deram conta de traçar elos entre os monges/profetos da cultura cabocla e a Guerra do Contestado, mesmo essas ligações sendo de caráter estrito.

Os resultados da pesquisa mostram que a Guerra do Contestado é invisível aos olhos das crianças lapianas, não porque o assunto não seja trabalhado nas escolas, mas, quem sabe, pela falta de atenção e aprofundamento dessa temática ligada ao mundo real e vivido por esses

estudantes. Mesmo havendo toda uma movimentação em torno da figura histórica do Monge João Maria, por parte de peregrinos vindos de muitos lugares do Brasil para visitar a Gruta do Monge, ainda há um certo desconhecimento por parte das novas gerações por esta figura histórico-cultural lapiana, indo além daqueles que vivem os milagres de João Maria assim como sua fé e sua devoção.

Há que se mencionar que a figura do Monge da Lapa fica circunscrita ao Parque do Monge, não se vendo imagens dele em outros pontos da cidade, nem mesmo no Parque de Exposições. Isso deve explicar parte da invisibilidade da figura do religioso para a atual geração de lapianos, sendo agravada quando se busca traçar ligações entre o monge e a Guerra do Contestado, nos territórios caboclos de resistência nos municípios da divisa entre o Paraná e Santa Catarina – assim, o Monge e a Guerra do Contestado seriam, aos olhos das crianças estudadas nessa pesquisa, temas separados para os que vivem na cidade e, por sorte, , associados pelas crianças do Assentamento, devido aos trabalhos realizados na escola.

Este estudo veio demonstrar, ainda, a importância dos trabalhos interdisciplinares no âmbito da formação escolar das crianças, com temas que envolvam toda a comunidade e que, antes de tudo, estejam vinculados aos fatos vividos no decorrer do tempo histórico pelas comunidades envolvidas. Ou seja, o estudo do meio se faz necessário para se construir a realidade do espaço geográfico habitado pelas crianças.

Não se discute que se aprende aquilo que é trazido para a realidade escolar, isso é corroborado pelo resultado da pesquisa realizada no Colégio Estadual do Campo Contestado, onde os alunos e alunas, além de viverem a realidade de lutas, também puderam participar de uma oficina que envolveu a todos e trouxe-os para a realidade sobre a construção do seu território vivido, tornando, assim, o aprendizado mais significativo, uma vez que os estudantes conseguiram compreender melhor o lugar onde vivem.

Por fim, pode-se afirmar que o Contestado está vivo, ele permanece nas lutas sociais, nas desigualdades regionais e na crença do povo pelo sagrado. O Contestado vive na cidade da Lapa, enraizado na Gruta do Monge e no Assentamento Contestado, local que abriga camponeses que muito lutaram, e continuam lutando, para ter o seu pedaço de terra e dela conseguir sua sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

BURDA; MONASTIRSKY. **Perspectiva geográfica sobre o patrimônio arquitetônico da cidade da Lapa, PR** Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1931/193118893009/>>. Acesso em: 28 nov 2017.

O contestado vive!: entre o espaço sagrado de João Maria e o assentamento contestado, resistências sobre..

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A campanha do contestado*. Lunardelli, 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.

ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro. **A Guerra Santa revisitada – novos estudos sobre o movimento do Contestado**. Florianópolis –SC. UFSC, 2008.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado em Guerra – 100 anos do massacre insepulto do Brasil**. Florianópolis – SC : insular, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis- SC: Editora insular, 2009.

GOMES, P. C. da C.; COSTA, R. H. **O Espaço na Modernidade**. s.d., p. 48

GORNISKI, Aramis. **Monge – Vida, Milagres, Histórias, lendas e orações**. Lapa – PR: Editora Gráfica Nossa Senhora Aparecida Ltda., 2005.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

Mídia Sem Terra. <<http://www.midiasemterra.com.br/assentamento-contestado-laboratorio-de-organizacao-popular-e-agroecologia/>>. Acesso em: 04 dez. 2017

ORZEKOVSKI, Nei. **Relações de Trabalho no Assentamento Contestado (PR): Contradições de Classe e Desafios analíticos**. - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Dissertação de Mestrado, 2014, 103 f. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/116028>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social – A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912/1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

THOMÉ, Nilson. **Ciclo da madeira, história da indústria madeireira no Contestado**. Caçador – SC: Universal, 1995.

THOMÉ, Nilson. **Sangue, Suor e lágrimas no chão do Contestado**. Caçador –SC: UNC, 1992.

TORINELLI, Michele. **Assentamento Contestado, laboratório de organização popular e de agroecologia**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2016/08/17/assentamento-contestado-laboratorio-de-organizacao-popular-e-de-agroecologia.html>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

---

<sup>i</sup> Especialista em História e Geografia do Paraná pelo ITECNE - Instituto Tecnológico e Educacional de Curitiba. Graduada em Biologia e Geografia pelas Faculdades Integradas Espírita, professora de Geografia no Estado do Paraná. Endereço eletrônico: taniamuller22@hotmail.com

<sup>ii</sup> Geógrafo. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR. Bolsista PQ/CNPq. Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito – GEOTMAC/UEL. Coordenador do Observatório da Região e da Guerra do Contestado – ORGC/UEL. Diretor de Planejamento da PROEX/UEL. Endereço eletrônico: nilsoncesarfraga@hotmail.com

<sup>iii</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.

---

iv "É conveniente esclarecer que a expressão organização espacial possui, a nosso ver, vários sinônimos: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social, espaço socialmente produzido ou, simplesmente, espaço. Dizer que cada uma delas corresponde a uma específica visão de mundo e, ainda, que uma é melhor que a outra constitui, a nosso ver, falsas assertivas, de natureza formal e maniqueísta." CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991, p. 23.

v "A organização espacial é um eficaz mecanismo do exercício do poder" FOUCAULT VIVO, 1987, p. 131. (...) "Seria preciso fazer uma história dos espaços - que seria ao mesmo tempo uma história dos poderes - que estudasse desde grandes estratégias geopolíticas até pequenas táticas do habitat". FOUCAULT VIVO, 1987, p. 131.

vi SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

vii "O espaço pode ser definido como resultado de uma interação permanente entre, de um lado, o trabalho acumulado, na forma de infra-estrutura e máquinas que se superpõem à natureza e, de outro lado, o trabalho presente, distribuído sobre essas formas provenientes do passado". SANTOS, 1994, p. 115.

viii GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ix "A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo (...). Pode ser relativa tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito que se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma" In: nota: GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. Gomes, P. C. da Costa; Costa, R. H. **O Espaço na Modernidade**. s.d., p. 48. (texto).

x "Camponeses de todos os tipos vieram a constituir a massa dos fanáticos durante os acontecimentos de 1912-1916; entre eles é que se recrutavam também quase todos os chefes religiosos, políticos e militares. Por outro lado, era nítida dentro da classe dos grandes proprietários de terras a separação entre a camada superior, a dos coronéis - que em geral eram os homens mais ricos de cada município e monopolizavam o poder político -, e os demais fazendeiros, que àquele tempo e naquela área nem sempre tinham a propriedade de suas terras, mas apenas a posse. Estes últimos, quando muito, eram capitães e não coronéis da Guarda Nacional, e seu comportamento foi bastante diverso a questão sertaneja. Por fim, ao lado das classes e camadas rurais, é preciso considerar aquelas que existiam nas vilas e cidades da região. Ali, sob o poder político dos coronéis e muitas vezes entrando em conflito com eles, havia uma incipiente burguesia comercial e manufatureira, havia também artesões como padeiros, seleiros, sapateiros, e havia ainda, naturalmente, caixeiros e trabalhadores braçais, teve também o seu papel na guerra do contestado." QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social - A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912/1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.